

A ONTOPOLÍTICA DO CUIDADO MULTIESPÉCIES: A PROTEÇÃO DA VIDA SILVESTRE NA COSTA RICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Luis M. Barboza-Arias¹

Resumo

Coiotes (*Canis latrans*) que fazem visitas noturnas a campi universitários e bairros urbanos da capital. Baleias-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) que brincam com as crias na proximidade das praias turísticas. Antas (*Tapirus bairdii*) que transitam por rotas traçadas para visitantes humanos em áreas silvestres protegidas. Macacos-prego-de-cara-branca (*Cebus capucinus*) ladrões de comida que ficaram sem vítimas humanas às quais abordar. O avistamento de espécies da fauna silvestre em espaços de intensa atividade humana converteu-se em um acontecimento frequente durante o confinamento social adotado pelos governos para reduzir a disseminação do vírus do SARS-CoV-2, causante da doença da Covid-19, nos primeiros meses da pandemia. O presente ensaio propõe tensionar um paradoxo da emergência sanitária provocada pela atual pandemia: o “retorno” da vida selvagem às cidades num momento histórico em que a crise ambiental e a degradação dos habitats naturais resultante das ações antrópicas estão provocando o surgimento de ameaças para a saúde humana sem paralelo na época contemporânea. O objetivo deste trabalho é gerar uma reflexão crítica sobre as implicações ético-políticas e pedagógicas de avistamentos ocorridos nos meses de março a julho (2020), e sua relação com o desenvolvimento de iniciativas e programas públicos de proteção da biodiversidade. Através da articulação de relatos sobre experiências acontecidas na Costa Rica, neste ensaio propõe-se a hipótese de que os avistamentos podem influir na reconfiguração de geografias mais que humanas, na medida em que essas vivências alteram a percepção humana sobre as paisagens e o modo de experimentar a coexistência multiespécies. Assim, cabe perguntar se os avistamentos têm contribuído para criar condições e significados que tenham transformado as relações entre humanos e animais durante a pandemia. Também interessa estudar o papel e a importância das interfaces tecnológicas nesses encontros e sua ligação com mudanças no estatuto ontológico dessas relações. Se argumenta que a abordagem destas questões pode gerar um conjunto alternativo de recursos cognitivos e de conhecimento para compreender as práticas e os agenciamentos animais de maneira abrangente, o que conduziria

¹ Sociólogo. Doutorando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Membro de Grupo de Pesquisa Inovação, Sociedade e Eco-Territorialidades (GRIST/UFRGS).
Email: luis.barboza@ufrgs.br

ao delineamento de axiomas que façam viável a invenção de uma nova ética da convivência multiespécies. O referencial teórico mobilizado neste exercício reflexivo é o proposto por autores e autoras da chamada virada ontológica nas ciências sociais. Desse modo, o Antropoceno é considerado como um registro simbólico para problematizar a confiança cega em horizontes de futuro baseados em narrativas de progresso tecnocientífico linear e apolítico, não apenas como uma época geológica de predomínio humano. Nas considerações finais, chamamos a atenção para a necessidade de superar visões instrumentais da categoria “natureza”, e defendemos a incorporação de ontopolíticas do cuidado em atividades de conservação da biodiversidade que explorem e articulem as dimensões emocionais, afetivas, sensoriais e simbólico-espirituais na luta contra as mudanças climáticas antropogênicas e a degradação ambiental.

Palavras-chave: Antropoceno, conservação, ecologias afetivas, geografias mais que humanas, meio ambiente.

An ontological politics of multispecies care: wildlife protection in Costa Rica during the COVID-19 pandemic

Abstract

Coyotes (*Canis latrans*) making nocturnal tours through universities and suburban cities. Humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) playing with their babies near famous beaches. Tapirs (*Tapirus bairdii*) walking on routes and trails made for human visitors in protected wildlife areas. Colombian white-faced capuchin (*Cebus capucinus*) missing their human friends to share exotic food with. Wildlife sighting reports in urban centers during the lockdown of Covid-19 pandemic became a significant event around the world. This essay explores one of the most paradoxical aspects of the Covid-19 outbreak: wildlife takes to the streets. Nowadays, climate change and habitat degradation are causing the emergence of new threats to human and environmental health. In this essay we propose a critical reflection on the ethical-political and pedagogical implications of wildlife sightings during the lockdown of Covid-19 pandemic and their relationship with biodiversity conservation public programs. We propose that sightings can affect more than human geographies. Human-animal interactions during lockdown could alter the human perception of landscapes and multispecies coexistence. We are also interested in how technological interfaces could change the ontological status of human-animal interactions. These issues can generate an alternative set of cognitive and knowledge resources to understand human-animal assemblages in a more comprehensive way, which would lead to a new ethics of multispecies coexistence. We mobilize a theoretical framework based on so-called ontological turn in social sciences. The Anthropocene is considered as a symbolic resource to problematize blind trust in linear narratives of apolitical techno-scientific progress, and not only as a geological epoch characterized by human dominance. Finally, attention is drawn to the need to overcome instrumental visions of the category “nature”. We suggest that ontological politics of multispecies care can

A ontopolítica do cuidado multiespécies

contribute to strengthening biodiversity conservation public programs through exploration of emotional and affective ecologies.

Keywords: Anthropocene, conservation, affective ecologies, more than human geographies, environment.

La onto-política del cuidado multiespecies: la protección de la vida silvestre en Costa Rica durante la pandemia de Covid-19

Resumen

Coyotes (*Canis latrans*) que realizan visitas nocturnas a recintos universitarios y barrios urbanos capitalinos. Ballenas jorobadas (*Megaptera novaeangliae*) que juegan junto a sus crías cerca de las playas turísticas. Dantas (*Tapirus bairdii*) que utilizan senderos diseñados para visitantes humanos en las áreas silvestres protegidas. Monos carablanca (*Cebus capucinus*) ladrones de comida que se quedan sin víctimas humanas a las cuales atacar. El avistamiento de especies de la fauna silvestre en espacios de intensa actividad humana se convirtió en un acontecimiento frecuente durante los primeros meses del confinamiento social adoptado por los gobiernos como medida para reducir la propagación del virus del SARS-CoV-2, causante de la enfermedad del Covid-19. Este ensayo trata sobre uno de los aspectos más paradójicos de la emergencia sanitaria provocada por la actual pandemia: el "retorno" de la vida salvaje a las ciudades en un momento histórico en que la crisis ambiental y la degradación de los hábitats naturales, resultado de las acciones antrópicas, están provocando el surgimiento de nuevas amenazas para la salud humana y ambiental, sin paralelo en la época contemporánea. El objetivo de este trabajo es generar una reflexión crítica sobre las implicaciones ético-políticas y pedagógicas de los avistamientos y su relación con el desarrollo de iniciativas y programas públicos de protección de la biodiversidad. A través de la articulación de relatos sobre experiencias ocurridas en Costa Rica entre los meses de marzo y julio de 2020, en este ensayo se propone que los avistamientos pueden influir en la reconfiguración de geografías más que humanas, en la medida en que esas vivencias alteran la percepción humana sobre los paisajes y el modo de experimentar la coexistencia multiespecies. De ese modo, cabe preguntar si los avistamientos han contribuido a crear condiciones y significados que hayan transformado las relaciones entre humanos y animales durante la pandemia. También interesa estudiar el papel y la importancia que tienen las interfaces tecnológicas en esos encuentros y su relación con cambios en el estatuto ontológico de las relaciones. El abordaje de estas cuestiones puede generar un conjunto alternativo de recursos cognitivos y de conocimiento para comprender las prácticas y agenciamientos animales de manera más integral, lo que conduciría al delineamiento de axiomas que viabilicen la formulación de una nueva ética de la convivencia multiespecies. El referente teórico utilizado es el propuesto por el llamado giro ontológico en las ciencias sociales. De este modo, el Antropoceno es considerado como un registro

A ontopolítica do cuidado multiespécies

simbólico que ayuda a problematizar la confianza ciega en horizontes de futuro basados en narrativas de progreso tecnocientífico linear y apolítico, y no solo como una época geológica caracterizada por el predominio humano. En las consideraciones finales, se llama la atención sobre la necesidad de superar visiones instrumentales de la categoría "naturaleza", y se defiende la incorporación de onto-políticas del cuidado en actividades de conservación de la biodiversidade que exploren y articulen dimensiones emocionales, afectivas, sensoriales y simbólico-espirituales en la lucha contra el cambio climático antropogénico y la degradación ambiental.

Palabras clave: Antropoceno, conservación, ecologías afectivas, geografías más que humanas, medio ambiente.

Introdução: O Antropoceno. Se não agora, quando?

“No temo exagerar el valor y el significado de la vida, sino más bien no estar a la altura de la ocasión que la vida representa. Sentiría tener que recordar que yo estuve allí, pero que no advertí nada reseñable, como un príncipe disfrazado de rana, o como quien ha vivido la época dorada como un jornalero, alguien que incluso visitó el olimpo, pero se quedó dormido después de cenar y no pudo escuchar las conversaciones de los dioses”.

Thoreau, H. D. Cartas a un buscador de sí mismo.

Em *An ecology of happiness*, o geógrafo belga Eric Lambin propõe estabelecer uma interligação entre a existência de ecossistemas saudáveis e a experimentação da felicidade humana. Para Lambin (2012), o cuidado do planeta tem um efeito positivo na percepção de bem-estar das pessoas e é por isso que, como indivíduos e sociedades, devemos nos comprometer com ações de proteção ambiental que favorecem a biodiversidade. Ainda que o ponto de partida do autor esteja focado numa interpretação antropocêntrica, em que a motivação a participar nas práticas de conservação é a sensação prazerosa que recebem as pessoas em troca, é indiscutível que a reflexão desenvolvida por Lambin levanta um argumento muito difícil de refutar: ninguém quer (con)viver num ambiente contaminado, ou no qual a interação humana tenha provocado danos irreparáveis às outras espécies e seus ecossistemas.

Uma segunda implicação da reflexão feita por Lambin (2012) é a importância das dimensões sensorial e afetiva no processo de significação da nossa vinculação com o tecido vivo da terra. Nosso agir está intermediado por nossas emoções e os mecanismos intersubjetivos que utilizamos para sua materialização em realidades concretas. Autores como Yusoff (2010) e Blok (2017) têm estudado a produção de estéticas políticas das mudanças climáticas. Segundo sua perspectiva, a forma em que sentimentos tais como nostalgia, perda, esperança ou compaixão são mobilizados através de imagens e artefatos está intrinsecamente relacionada com formas de posicionamento político no contexto das sociedades de risco (BECK, 2010). O conjunto dessas

experiências estéticas tem um marcado componente expressivo, mas é principalmente o resultado de experiências cotidianas criadoras de sentido.

Com a invenção do termo Antropoceno, essas questões adquirem uma maior relevância. Latour (2012) já tinha alertado sobre os perigos decorrentes da desconexão com a natureza, num contexto de capitalismo avançado em que o progresso tecnocientífico² e a ideologia do crescimento econômico sem limites levaram a crer que a excepcionalidade humana era um fato indiscutível (TSING, 2020). O químico Paul Crutzen foi um dos primeiros pesquisadores científicos a difundir o termo Antropoceno, que ele define como uma era geológica dominada inteiramente por nossa espécie (CRUTZEN e STOERMER, 2000; CRUTZEN, 2006). Trata-se de um momento geohistórico caracterizado pelas mudanças rápidas e profundas que acontecem na biosfera, e cuja causa é eminentemente humana. No Antropoceno, um dos principais elementos da transformação acelerada do planeta foi a disposição e controle da natureza, a qual é considerada como "o grande exterior das atividades humanas", um armazém que nos fornece matérias-primas inesgotáveis e gratuitas.

Porém, com o incremento das publicações no campo dos Estudos Críticos sobre o Antropoceno, o pensamento fácil sobre esse período resultou ser muito problemático. Os assim chamados efeitos colaterais da nossa presença no planeta, e o tipo de respostas tecnocratas e burocráticas que

². Para a modernidade ocidental europeia, o progresso tecnocientífico é indissociável das noções de modernização, crescimento e desenvolvimento. Na medida em que a produção de artefatos e conhecimentos científicos e tecnológicos possibilitam diferentes avanços em áreas da economia e da organização do trabalho, a vida social e cultural dos seres humanos fica separada da natureza, entendida em contraposição à noção de humanidade. O progresso se constitui como uma dimensão do bem-estar material dos seres humanos, em detrimento do equilíbrio ecossistêmico que precisa ser estabelecido a partir dos arranjos com outras formas de vida e entidades não humanas. Ainda assim, cabe questionar o "anthropos" do Antropoceno. Pensado desde o singular, o conceito continua a desconhecer as possibilidades de realização da vida e da (co)existência multiespécies para além das margens da modernidade ocidental. Isto é, a negação de outras cosmologias, ontologias e saberes que criam sentidos diferentes e contrapostos, às vezes em clara resistência, ao pensamento moderno ocidental; assim como as formas históricas de colonização, dominação e expropriação causantes da pobreza e a miséria de uma importante maioria de coletivos humanos no percurso dos últimos séculos. Uma aproximação a essa reflexão desde a colonialidade do poder e as relações históricas entre o projeto da modernidade europeia e América Latina pode ser consultada em Quijano (2005).

elaboramos para sua superação, fazem pensar que algo mudou na nossa percepção das catástrofes provocadas por nós mesmos. Latour e Leclercq (2016) se referem a esse fenômeno de modo poético, ao considerar que se trata da perda do sublime. Stengers (2015) vai além, para dizer que o que se perdeu foi a nossa capacidade de reagir conjuntamente. Para a filósofa e historiadora belga, a principal tragédia de nosso tempo é a dificuldade que os seres humanos têm para criar coalizões com outros atores não humanos, o que origina um enfraquecimento da capacidade coletiva para imaginar futuros possíveis que sejam distintos ao cenário atual de guerras, injustiças e extinções.

Como nos reinscrever na natureza, se continuamos a considerar que ela é uma entidade separada? Ou, nas palavras instigantes de Mbembe (2016), o que é isso que precisamos para criar espaços íntegros de vida, através dos quais seja possível a reparação do mundo que todos habitamos? Para Stengers (2015), uma via factível está na arte de ter cuidado, o que implica também as diferentes formas de resistência aos sistemas econômicos que reproduzem a iniquidade, a injustiça e a vulnerabilidade socioambiental. Para Yussof (2010), se trata de fazer efetiva uma distribuição equilibrada do sensível. Latour (1999) o define como a necessidade, quase um imperativo ético, de deixar-nos surpreender pelas expressões diárias de recriação da vida em todo tipo de cenários, desde os jardins domésticos até as grandes reservas florestais.

Neste ensaio se argumenta que o Antropoceno também pode ser utilizado como registro simbólico para problematizar a confiança cega em horizontes de futuro baseados em narrativas de progresso tecnocientífico linear e apolítico; e não apenas como uma simples constatação de uma época geológica com predomínio do humano. Consideramos que o surgimento da Covid-19 marca um momento histórico significativo para tensionar o nosso modo de conceber e proceder no Antropoceno. Com a pandemia e suas consequências socio-sanitárias e ambientais, ficou claro que o Antropoceno representa a confirmação do impacto que as

ações humanas têm na biosfera, mas também significa um lembrete da nossa fragilidade como espécie. Os primeiros meses da pandemia, e o isolamento instaurado pela intervenção governamental, fizeram emergir histórias de desesperação e tragédia humana no mundo, ao tempo que também emergiram pequenos atos de solidariedade, empatia e beleza, diante o desastre, a pena e o sofrimento. Muitas dessas manifestações envolveram a outras espécies, fato que não passou inadvertido pelas as equipes de pesquisa em estudos multiespécies (ARONSSON e HOLM, 2020).

O presente ensaio propõe tensionar um paradoxo da emergência sanitária provocada pela pandemia: o ressurgimento da vida selvagem, na forma de avistamentos de espécies da fauna silvestre em espaços de intensa atividade humana durante os primeiros meses do confinamento social. Através da articulação de relatos sobre experiências acontecidas na Costa Rica, o objetivo é gerar uma reflexão crítica sobre possíveis implicações ético-políticas e pedagógicas dos avistamentos nos primeiros meses da pandemia (março a julho de 2020) e sua relação com o desenvolvimento de programas públicos de proteção da biodiversidade. Argumenta-se que os avistamentos podem influir na reconfiguração de geografias mais que humanas, na medida em que essas vivências alteram a percepção humana sobre as paisagens e o modo de experimentar a coexistência multiespécies em tempos de crise.

Este documento se estrutura em cinco seções. A primeira delas corresponde a esta introdução. A segunda seção é usada para estabelecer alguns parâmetros da estratégia metodológica que acompanhou a elaboração do manuscrito. A terceira e a quarta seção incorporam relatos distintos sobre experiências de avistamento de animais silvestres, para refletir sobre suas implicações ontológicas e a relação com programas públicos de proteção da biodiversidade. Por último, na seção cinco se disponibilizam algumas considerações finais.

II. Uma digressão de índole metodológica–conceitual

A metodologia de pesquisa utilizada na elaboração deste ensaio incluiu a revisão documental da imprensa escrita (formato digital), e a consulta a especialistas. Com respeito à primeira estratégia, esta foi feita de forma digital durante os dias 5 e 22 do mês de setembro do 2021. Se utilizou as ferramentas de busca da internet, neste caso através do buscador Google, para estabelecer os critérios de interesse. A busca foi programada para identificar somente as páginas escritas no idioma espanhol, considerando unicamente as informações produzidas por imprensa costarriquenha. O intervalo de busca foi personalizado para recuperar aqueles resultados de notícias publicadas entre a primeira semana do mês de março e a última semana do mês de julho. A seleção desse período está baseada na data de detecção do primeiro caso positivo (confirmado) de Covid-19 na Costa Rica (acontecido o dia 06 de março do 2020 e a duração da primeira fase do confinamento social decretada pelas autoridades do Governo. O critério de busca incluiu as palavras-chave (no idioma espanhol): “Avistamentos+animais+pandemia+Covid-19+Costa Rica”.

A partir dos resultados obtidos, se revisou de forma manual o conteúdo das informações para identificar aquelas notícias que oferecem maior detalhe dos avistamentos. Considerando que o objetivo do artigo não é fazer uma análise quantitativa das publicações, se optou por escolher os casos dos coiotes e as antas, por ter recebido uma maior cobertura midiática. Assim, foi possível identificar que os jornais nacionais que publicaram notícias mais detalhadas dos avistamentos são: La Nación, CR.com e AMPrensa. Outras fontes, como os jornais universitários Semanario Universidad (da Universidad de Costa Rica) e Hoy en el TEC (do Instituto Tecnológico de Costa Rica) também publicaram informação dos avistamentos. No caso dos avistamentos nas áreas silvestres de conservação, o meio de notícias virtual do Ministério de Comunicação da Presidência do país também brindou informações que incluíam consulta de experts e entrevistas com funcionários que brindam atendimento nesses espaços de conservação. Também é importante

mencionar que foram consultadas num segundo momento notícias sobre avistamentos publicadas durante os meses de janeiro e fevereiro, isto porque durante esse período alguns dos jornais acima mencionados brindaram novos relatos sobre o acontecido em relação aos avistamentos durante os primeiros meses da pandemia.

Com respeito à consulta de especialistas, consultou-se o critério pessoal, opiniões e percepções gerais de funcionários públicos do Sistema Nacional de Áreas de Conservação (SINAC, por suas siglas em espanhol), responsáveis diretos no processamento das informações obtidas dos avistamentos. Neste caso, as pessoas consultadas são profissionais em biologia que fazem parte do Departamento de Coordenação Nacional em Pesquisa da SINAC e da Unidade de Seguimento da Estratégia Nacional de Biodiversidade dessa mesma instituição.

As perguntas feitas aos especialistas foram: 1) Como afetou a pandemia as visões dominantes nas políticas de conservação da vida silvestre? 2) Durante o período de maior número de avistamentos, o que foi o mais surpreendente? Que novo conhecimento obtiveram sobre os comportamentos das espécies avistadas? Mudou alguma certeza que vocês tinham considerado previamente? 3) A pandemia e os avistamentos no período do isolamento social estão contribuindo para melhorar as políticas de proteção e a fortalecer o pensamento conservacionista em geral? De que forma? 4) Pode-se considerar que os avistamentos casuais, que aconteceram fora das ASP (Áreas Silvestres Protegidas), contribuem para criar maior sensibilidade social sobre as espécies envolvidas e a proteção da biodiversidade?

Chegados a este ponto, é necessário esclarecer algumas questões que derivaram das notícias revisadas. Primeiramente, numa maioria importante dos avistamentos não existiu interação direta entre o animal e as pessoas que estavam presentes no momento. É de supor que um contato mais próximo teria produzido algum tipo de reação imprevista no animal silvestre, como fugir ou, inclusive, a busca de alguma forma de defesa. Uma segunda questão relevante é

que, na maior parte dos casos, a primeira reação das pessoas foi utilizar os meios tecnológicos à disposição para documentar o avistamento. No caso dos avistamentos acontecidos nas áreas silvestres protegidas, o uso dos equipamentos de gravação é frequente e tido como um processo comum das práticas conservacionistas. Não obstante, o uso das câmeras de telefone celular é particularmente chamativo nos avistamentos casuais que tiveram pessoas sem relação com estas áreas. As gravações dos avistamentos se tornaram virais através dos meios de comunicação e das redes sociais. Isso provocou que outras pessoas que também moram perto das zonas de avistamento se interessassem em obter algum tipo de registro pessoal dos avistamentos. Do mesmo modo, as gravações que foram feitas pelos equipamentos de segurança domésticos nos bairros urbanos das cidades, provocaram alerta entre os moradores dos condomínios³, o qual fez incrementar a interesse no modo de vida e comportamento das espécies avistadas.

Segundo um comunicado oficial do Ministério da Presidência do Governo da Costa Rica (Ministerio de Comunicación, 2020), só nos primeiros cinco meses desde os inícios da pandemia foram reportados mais de 4000 avistamentos de animais silvestres no país, os quais envolvem ao menos 224 espécies, principalmente mamíferos de grande tamanho, aves e alguns anfíbios. Uma grande maioria desses avistamentos aconteceram em alguma das 14 Áreas silvestres protegidas (ASP) que fazem parte de um projeto de monitoramento da vida silvestre implementado pelo Programa nacional de monitoramento ecológico (PRONAMEC, por suas siglas em espanhol), cujo organismo responsável é o Ministério do ambiente e da energia (MINAE, por suas siglas em espanhol) da Costa Rica. O relato dessas experiências é apresentado na próxima seção, ao mesmo tempo em que se faz uma breve alusão ao avistamento de

³. Na Costa Rica, os prédios de apartamentos não são muito frequentes. Só na última década eles têm se popularizado entre a população e ficam especialmente no centro das cidades mais populosas. Os condomínios, pelo contrário, têm se convertido numa solução de habitação para as famílias de classe média que moram nas zonas residenciais dos subúrbios. Muitas dessas zonas são de urbanização recente e ficam nas proximidades das áreas rurais ou das extensões agrícolas que são utilizadas pelos animais silvestres como rotas de passagem entre habitats ou como territórios de caça e alimentação.

baleias-jubarte nas proximidades de Playa Flamingo (Praia Flamingo), localizada na província de Guanacaste, o qual é um dos destinos turísticos mais importantes do país.

Os avistamentos de animais silvestres em lugares fora das ASP têm a particularidade de terem se produzido em ambientes menos controlados. Muitos desses avistamentos duraram apenas uns poucos segundos, o que faz com que a intensidade do momento seja relatada pelas pessoas que participaram como um acontecimento significativo na sua vida. Estas experiências tiveram o maior impacto na população do país. Na seção quatro, realiza-se uma reflexão a partir dos avistamentos de coiotes em duas zonas residenciais da região conhecida como Gran Área Metropolitana.

Ao tratar-se de um ensaio exploratório, é importante esclarecer que as discussões trazidas buscam abrir novas perguntas de pesquisa que permitam continuar aprofundando a discussão sobre o cuidado multiespécies na Costa Rica. Nesse sentido, as principais limitações da estratégia metodológica se encontram no caráter subjetivo das questões levantadas pelos especialistas consultados. Em alguns casos, a opinião ou o parecer pessoal não corresponde ao critério e visões institucionais, isto traz para a discussão uma dimensão valorativa que contribui para identificar espaços laxos na práxis institucional e a pertinência de discussões públicas que ainda não foram colocadas no âmbito da elaboração de instrumentos de política.

No que diz respeito à revisão documental, uma limitação considerável é a ausência de questionamentos sobre interligações entre a questão ambiental, a pandemia e os comportamentos da vida silvestre. Neste sentido, as notícias consultadas utilizam uma abordagem informativa sobre os avistamentos que não oferece dados suficientes sobre os ambientes em que as ecologias ferais e os entramados multiespécies são atingidas pela crise socio sanitária derivada da pandemia. Nesse caso, os cenários têm sido constituídos e pensados a partir do referencial teórico, o que pode contribuir para invisibilizar outras dimensões da discussão

sobre biodiversidade e questão ambiental que precisam ser feitas, principalmente o relacionado às políticas de planejamento e desenvolvimento urbano.

Também não é possível assegurar que os avistamentos contribuíram para uma melhora da formulação de políticas sobre proteção e conservação da biodiversidade. Em todo caso, o que sim é possível aprofundar a partir dos relatos de avistamentos é um tipo de resposta coletiva que parece mudar os significados atribuídos tradicionalmente às espécies silvestres. A partir disso, se torna factível a reflexão sobre a possibilidade de pensar em termos de ontopolíticas que vai além das mudanças institucionais ou das configurações sociotécnicas que estão por trás das ações de conservação convencional nas áreas silvestres protegidas e outros espaços de proteção da biodiversidade controlados pelo Estado.

III. Monitoramento ecológico. Cuidado multiespécies ou biopolítica da conservação?

As primeiras experiências de avistamento de espécies de fauna silvestre durante os primeiros meses da pandemia aconteceram em ASP, e são o resultado da ação direta da política pública. Foi devido ao fechamento dos sítios de visitação, principalmente parques nacionais e reservas naturais, como medida para reduzir a disseminação do vírus do SARS-CoV-2, causante da doença da Covid-19, que o MINAE, através do PRONAMEC, implementou um estudo em 14 ASP, com o objetivo de monitorar possíveis mudanças dos padrões de comportamento das espécies de animais silvestres como consequência da redução dos visitantes humanos.

Os especialistas consultados indicaram que o estudo de campo teve uma duração maior aos 140 dias (o monitoramento se realizou entre os meses de maio até junho de 2020, aproximadamente), e durante esse período foi possível avistar 224 espécies, com ajuda de câmeras ocultas

que foram instaladas em sítios estratégicos e rotas de passagem dos animais. Registrou-se ao menos quatro mil avistamentos que envolvem mais de 200 espécies de aves e 24 mamíferos, entre outros grupos. Com a informação produzida, o PRONAMEC iniciou uma segunda fase do projeto, ainda em andamento, que tem como objetivo a tabulação e análise dos dados obtidos até agora, e dessa forma melhorar os planos de gestão e conservação da vida silvestre que remontam aos tempos anteriores à Covid-19.

Alguns dos resultados da primeira etapa apresentaram descobertas relevantes para a equipe da pesquisa. A diminuição da presença humana nas áreas silvestres de proteção favoreceu o avistamento de espécies que não são facilmente observáveis em condições normais (isto é, com fluxos de visitação constantes). Embora os meios de comunicação e as redes sociais tenham dado uma maior cobertura ao avistamento de antas⁴ (*Tapirus bairdii*) (Figura 1), segundo as informações dos especialistas consultados, os avistamentos que causaram maior interesse para as pessoas envolvidas no estudo foram aqueles que tiveram como protagonistas os “*monos capuchinos*”⁵ (*Cebus capucinus*), na floresta do Parque Nacional Manuel Antonio, situado na província de Puntarenas (Região Pacífica da Costa Rica).

⁴. Outras espécies de fauna silvestre avistadas durante a implementação desse projeto, que também foram amplamente comentadas pelos meios de comunicação nacionais, são: *Tayassu pecari*, *Pecari tajacu*, *Panthera onca*, *Ara ambiguus*, *Odocoileus virginianus* e inclusive algumas espécies de tartarugas terrestres.

⁵. Na Costa Rica, termo pelo qual se conhece os macacos-prego-de-cara-branca.

Figura 1. Avistamento de animais com câmeras ocultas em áreas silvestres protegidas. Primeiros meses de 2020.



Uma anta utiliza uma trilha destinada aos visitantes humanos no Parque Nacional Tenorio, situado na Zona Norte de Costa Rica. A imagem viralizou nas redes sociais. Fonte: Ministério do Ambiente e da Energia de Costa Rica, 2020.

Os avistamentos dessa espécie de macaco chamaram a atenção dos pesquisadores pelo paradoxo das circunstâncias. Com anterioridade à pandemia, a presença desses animais em praias de uso público dentro do Parque Nacional era muito frequente. Eles ficavam nas proximidades da praia para procurar / roubar alimento dos turistas. Porém, com a diminuição da visitação humana, os *monos capuchinos* voltaram para a área florestal de Manuel Antonio, e dessa forma foram gravados pelas câmeras ocultas instaladas nas zonas menos acessíveis. Para os pesquisadores consultados, isto é um indicativo de que as espécies de fauna silvestre podem recuperar, até certo ponto, seus padrões de comportamento naturais e os usos dos habitats originais no caso de restringir ou moderar de forma definitiva o acesso de pessoas às áreas silvestres de proteção.

Com a implementação do estudo também emergiram outras questões que ainda precisam de maior problematização. A primeira delas está relacionada com a aparente

incongruência entre a expectativa dos pesquisadores e a resposta pública diante a socialização dos resultados da primeira etapa do estudo. Em relação à pergunta “Durante o período de maior número de avistamentos, o que foi o mais surpreendente?”, para os pesquisadores os avistamentos não demonstram um “evento extremamente importante”, considerando que os encontros com animais silvestres são uma prática relativamente habitual em certos sítios (principalmente nas comunidades rurais que ficam nas proximidades das ASP), e em épocas e condições determinadas. Então, o que faz que o público leigo tenha se mostrado particularmente instigado pelas imagens que apresentam esses animais? É a difusão midiática de reportagens sobre avistamentos um fenômeno urbano? Se for este o caso, quais são as implicações desse novo conhecimento para campos de estudo como a geografia da conservação e a ecologia urbana? Um fator que pode ter contribuído para isso foi o tipo de narrativas adotadas pela imprensa, principalmente a escrita (formato digital). Por exemplo, em alguns dos artigos de periódico revisados, o relato das experiências de avistamentos acontecidas fora das ASP, contém informações do tipo: “No caso de se encontrar com um coio nos Campi não deve interagir com o animal. Afaste-se do lugar e informe aos encarregados da segurança” (UMAÑA, 2021, tradução livre), “Cuidar os animais de estimação e fazer uma boa disposição da lixeira são aspectos-chave diante da presença dos animais silvestres” (LARA, 2021, tradução livre). Essas descrições e informações, cuja intencionalidade é gerar medo e temor entre a população humana, ao invés de instruir ou educar, não só impedem que a interação entre os humanos e os animais seja possível, na medida em que mobilizam argumentos para obstaculizar qualquer tentativa de aproximação, mas também geram preconceitos e mal-entendidos com relação ao que o animal realmente é e o tipo de comportamentos que o caracterizam realmente.

No que diz respeito às práticas institucionais da proteção da vida silvestre na Costa Rica, experiências como a apresentada pelo PRONAMEC permitem problematizar outros elementos. Entre eles, é possível visualizar a adoção de uma

abordagem legalista na gestão pública da vida silvestre (CLEMENT e STANDISH, 2018). Assim, existem algumas premissas básicas que não foram questionadas até agora pelos encarregados desse programa. Um dos informantes mencionou que Costa Rica tem um dos marcos regulatórios sobre proteção da vida silvestre mais restritivos da América Central. Atualmente, encontra-se vigente a Lei sobre Conservação da Vida Silvestre N°. 7317 e suas mais recentes reformas, e o novo Regulamento à Conservação da Vida Silvestre (Decreto Executivo N°. 40548), publicado no ano de 2017.

As visões que predominam nesses instrumentos são de caráter regulatório e punitivo (INGRAM et al., 2019). A flora e a fauna silvestre são considerados bens de domínio e interesse público, portanto são objeto de implicações legais que poderiam se materializar no caso de não serem atendidas as disposições legais estabelecidas por parte da cidadania. Outra premissa básica é a assunção de que a proteção da flora e da fauna silvestres acontece *in situ*, ou seja, dentro das ASP, de modo que não se tem um controle público adequado sobre as espécies cujos habitats não se encontram em territórios protegidos legalmente. Em consequência, tem emergido uma série de conflitos com atores privados que participam em práticas de conservação *ex situ* (zonas naturais não protegidas legalmente), as quais são catalogadas pelos funcionários públicos como ilícitas ou incorretas. Esse é o caso, por exemplo, dos centros de resgate, os zocriadeiros (centros controlados por criadores de animais) e, inclusive, os zoológicos. Para os especialistas consultados, este tema merece uma maior discussão pública. Não obstante, até agora o país tem focado sua atenção em outros âmbitos e instrumentos da agenda ambiental, sendo o desenvolvimento da Estratégia nacional de bioeconomia e o Programa de pagamento por serviços ambientais alguns dos mais destacáveis.

Outro tema de interesse é o reforço do uso das tecnologias na prática da conservação durante a pandemia da Covid-19 (CHAKRABORTY et al., 2020). Embora se tenham criado dois protocolos para garantir a gestão da vida silvestre (*in situ e ex*

situ), assim como diferentes medidas para melhorar a gestão pública da proteção da vida silvestre, entre elas, o projeto de monitoramento da vida silvestre, ao que tudo indica nenhuma das novas iniciativas têm contribuído para modificar as abordagens e as práticas convencionais até agora. Em contraste, as experiências obtidas durante a primeira fase do estudo reafirmaram a utilidade das interfaces tecnológicas como uma das estratégias-chave nas práticas de conservação nas 14 ASP participantes.

Diante da pergunta: “Quais tipos de implicações ético-políticas e pedagógicas podem ter o uso da tecnologia e como poderia afetar o desenvolvimento abrangente da gestão pública da biodiversidade, especialmente para a preservação das espécies silvestres e a coexistência pacífica com os humanos?”, os especialistas consultados se mostraram cautelosos para responder.

Por outro lado, cabe destacar que num estudo recente sobre tecnologias e estratégias de vigilância aplicadas nas políticas de conservação em diferentes regiões do mundo, Adams (2019) se questiona sobre os significados e os efeitos do que ele chama de “conservação através de algoritmos”. Embora sua pesquisa tenha sido feita anteriormente à emergência da Covid-19, o estudo resulta altamente instigante pelo olhar crítico do autor em relação ao uso da tecnologia em esquemas de proteção da biodiversidade. O argumento mobilizado por Adams é simples: o amplo repertório de tecnologias de seguimento e vigilância da vida silvestre (satélites, câmeras, drones) que está sendo implementado nas práticas conservacionistas ao redor do mundo, tem implicações importantes para a compreensão do cuidado das espécies não humanas (Adams, 2019). Embora o olhar geográfico de Adams seja principalmente antropocêntrico, ele consegue mobilizar alguns elementos relevantes das geografias-mais-que humanas (BRAUN, 2005; BARUA e SINHA, 2019), para questionar quatro dimensões nas quais a tecnologia da conservação multiespécies produz efeitos que não são sempre positivos.

O autor identifica como uma das implicações mais importantes a forma com que um conhecimento detalhado das dimensões espaciais que circunscrevem aos habitats das vidas não humanas influi na demarcação e no controle rígido dos espaços de conservação. Em segundo lugar, a forma com que políticas de vigilância em áreas silvestres são utilizadas para controlar os usos arbitrários desses territórios, por exemplo, por parte de caçadores, mas também por camponeses, povos indígenas, e comunidades locais, se convertendo em mecanismos punitivos de coerção conservacionista⁶. Terceiro, a forma com que tais tecnologias favorecem a invenção e a mercantilização de uma natureza espetacular, e, quarto, a forma com que a digitalização dos dados provenientes dessas tecnologias aplicadas às práticas de conservação contribuem à automatização das decisões em matéria de política de proteção da biodiversidade (Adams, 2019). Embora as quatro dimensões sejam consideradas como críticas para o estudo das políticas ambientais, e das políticas de proteção da vida silvestre em particular, para efeitos dos argumentos expostos neste ensaio, as questões três e quatro resultam muito instigantes para pensar a forma com que os elementos tecnocientíficos

⁶. No contexto desta reflexão, o termo "uso arbitrário" utilizado pelo autor pode ser entendido como um uso indevido ou inadequado; em todo caso, trata-se de um uso diferente ao permitido pela regulação nas áreas silvestres protegidas. O foco da questão, segundo o autor, é a criminalização de qualquer outro uso que seja distinto ao estabelecido pela legislação e as políticas vigentes. O risco desta perspectiva é o fato de que os usos associados com práticas ancestrais e tradições culturais das comunidades indígenas e locais cujos territórios estão superpostos dentro dos limites das ASP, sejam equiparados com práticas criminais, como a caça ilegal ou a incursão de pessoas com fins de extração e comercialização de recursos naturais. Com isto, o autor pretende dizer que ao considerar como práticas ilegais todas aquelas que não estão consideradas pela legislação, os usos de povos indígenas e de outras comunidades podem ser percebidos como atividades irregulares que podem ser objeto de alguma sanção punitiva. Na Costa Rica, a participação da Mesa Nacional Indígena no processo de consulta pública para a elaboração da Estratégia Nacional de Biodiversidade, por exemplo, foi pensada para considerar de forma abrangente a importância dos povos indígenas e das comunidades locais no manejo compartilhado das áreas de conservação, com isto se busca reconhecer de forma explícita que as visões cosmogônicas dos povos indígenas são um elemento chave para impulsionar o diálogo interinstitucional sobre o imaginário da sustentabilidade trazido pelo governo e o aparato institucional do Estado. O propósito é mudar a concepção sobre as práticas dessas comunidades no imaginário da esfera estatal e propor mecanismos operativos e lineamentos que garantissem o cumprimento dos princípios consignados nos direitos dos povos indígenas, o desenvolvimento autônomo e as concepções de bem viver. Desse modo, a construção da Estratégia Nacional de Biodiversidade coloca no centro da construção participativa a visão indígena de comunidade e de natureza, para assim desenvolver um mapeamento de ações para a promoção de usos culturais de conservação indígena ainda em andamento (MESA NACIONAL INDÍGENA, 2017). Embora esses processos estejam longe de ser versões acabadas, não há dúvida que os esforços feitos estão possibilitando uma maior representação política.

condicionam o discurso e a metodologia da proteção da biodiversidade num país como a Costa Rica.

É indiscutível que a adoção de interfaces tecnológicas pelas políticas públicas em favor da conservação tenha, em princípio, uma intencionalidade positiva. Como já argumentado por Verma et al. (2016), a provisão de dados através de recursos tecnológicos permite melhorar a eficácia das ações em favor da proteção da biodiversidade. Não obstante, também é certo que um tratamento adequado dos instrumentos não se traduz de forma automática em formas de conhecimento aprofundado sobre as condições de vida que fazem parte dos emaranhados multiespécies e de suas múltiplas interações. Contudo, para aceder a um conhecimento desse tipo se requer uma compreensão abrangente sobre as *ecologias ferais*, cujo caráter dinâmico e contingente desestimula com facilidade qualquer atividade de gestão baseada em noções de certeza e saber absoluto (WYNNE-JONES et al., 2020).

Os recursos tecnológicos proporcionam determinada informação genérica que favorece as análises preditivas (AUGUST et al., 2015), e contribuem para gerar evidência mais robusta que pode ser importante durante processos de tomada de decisões e para o engajamento governamental em ações de proteção que seguem uma trajetória de mudança linear (SUTHERLAND et al., 2004; LEACH et al., 2018). À medida que aumenta a confiança na capacidade técnica destes mecanismos para prever —e dessa forma, também planejar— certo tipo de futuros possíveis por sobre outros (LÖVBRAND et al., 2015), também se deixa de lado a relevância do pensamento reflexivo crítico (por exemplo, o trazido pelas ecologias políticas afetivas) (SINGH, 2018), que ajudaria a superar as visões da biodiversidade concebidas como uma entidade única e carente de agenciamentos próprios.

Segundo Adams (2019), a “conservação através de algoritmos” contribui para a continuidade do exercício do poder tecnocientífico sobre a biodiversidade. As práticas de conservação baseadas nesta visão instrumentalizam a tarefa

do funcionário público e tornam a adoção de certas práticas coercitivas em fatos legítimos, que inclusive podem parecer irracionais diante de certos cenários específicos. Assim, “conservação através de algoritmos” representa também um sistema de governança que dispõe e organiza as espécies e os ecossistemas, mantendo-os dentro de limites preestabelecidos, em termos de estado e localização. Essa governança é igualmente extensiva aos seres humanos, dado que a “conservação através de algoritmos” ajuda a determinar quem pode (e quem não pode) usar, transformar ou até matar nas áreas silvestres protegidas.

A invenção e a mercantilização de uma natureza espetacular se refere à capacidade da “conservação através de algoritmos” de tornar as vidas dos não humanos produtos comerciais para vender uma sensibilidade supérflua em relação à natureza, que não altera em nada o ritmo da degradação que afeta a biodiversidade. Até um certo ponto, isto aconteceu com o avistamento de baleias-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) nas proximidades de Playa Flamingo (Praia Flamingo), localizada na província de Guanacaste, que é um dos destinos turísticos mais importantes do país. Moradores da zona, com ajuda de telefones celulares, conseguiram gravar alguns indivíduos da espécie quando brincavam com as crias a uma pouca distância da linha costeira. Os avistamentos rapidamente foram utilizados como justificativa das organizações locais de turismo a fim de pressionar o governo para flexibilizar as restrições sanitárias que regulavam a afluência massiva de turistas durante a pandemia. Como resultado das atividades econômicas em auge, o setor de Praia Flamingo experimentou um grande desenvolvimento de infraestrutura hoteleira e portuária nos últimos anos, que alterou a paisagem natural e deslocou a fauna silvestre para as zonas florestais vizinhas.

Efetivamente, a presença desses animais na proximidade da praia tem a ver com a diminuição da chegada de turistas, mas responde principalmente à interrupção do tráfego marítimo, que inclui tanto barcos pesqueiros quanto cruzeiros. Porém, esse fato não provocou nenhum tipo de reflexão

pública. Poderia se indicar que a visão da natureza espetacular é o inverso do projeto de recuperação do sublime que propõe Latour (1999), e o motivo pelo qual os resultados do estudo feito pelo Programa de Monitoramento Ecológico não tenham surpreendido “o suficiente” aos pesquisadores envolvidos. Embora as tecnologias de seguimento e vigilância da vida silvestres sejam capazes de contribuir para a criação de redes de cuidado baseadas na identificação de tipos de animais específicos⁷, também é certo que com muita frequência o uso das “imagens espetaculares” de animais silvestres (isto é, expostos em condições que desencadeiam uma forte carga emotiva e/ou emocional), é manipulada pelos imaginários da sustentabilidade ancorados no sistema capitalista (IGOE et al., 2010). Assim, à medida que as práticas de conservação da vida silvestre se alinham aos esquemas de sustentabilidade orientados para o mercado (SULLIVAN, 2012), a biodiversidade é desmantelada por causa do aniquilamento de seus vínculos sociomateriais e a perda significativa de suas capacidades relacionais e performativas.

IV. Do víruceno ao amorceno: possibilidades para uma ecologia urbana dos afetos multiespécies

A interseção entre animais e urbanismo pode ser melhor entendida através do termo atmosferas animais (LORIMER et al., 2019; MUBI BRIGHENTI e PAVONI, 2021). Os processos de urbanização são reconhecidos como fenômenos planetários com escopo global, cujo crescimento irregular se materializa através de diferentes espacialidades e temporalidades, engendrando uma multiplicidade de entrelaçamentos possíveis entre uma diversidade ampla de espécies (TSING, 2015). Os animais são participantes de pleno direito nesses emaranhados, engajando-se na coprodução da realidade, ao mesmo tempo que desencadeiam afetos e contribuem para gerar novo conhecimento sobre o urbano e as cidades (DONALDSON Y KYMLICKA, 2011). Em consequência, os

⁷. Este parece ser o caso da anta, uma espécie considerada em perigo de extinção por causa da destruição de seu habitat e a caça ilegal.

humanos só são uma das partes constitutivas das relações interespécies, em que eles não têm o monopólio sobre as formas possíveis de interação e o controle total destas.

Os avistamentos de coiotes (*Canis latrans*) em bairros residenciais nas províncias de San José e Cartago representam um caso muito instigante para pensar a forma com que a ocorrência de animais selvagens nos centros urbanos, segundo certas circunstâncias contingentes, é capaz de influir —e inclusive transformar— a percepção humana sobre o lugar e a paisagem (VAN EEDEN et., 2019). Todavia, por trás desta ideia se encontram diferentes imaginários sociais sobre o sentido da habitabilidade no mundo ocidental moderno e todo tipo de valorações morais sobre a capacidade dos seres humanos para transformar o espaço geográfico de acordo com suas necessidades, expectativas e anseios.

O primeiro registro de avistamento de coiotes durante a pandemia foi publicado pela imprensa escrita dia 10 de abril de 2020. Trata-se do avistamento de um animal que caminha sozinho pela rodovia Florencio del Castillo, principal rota que conecta a capital, San José, com a província de Cartago (CRHOY.com, 2020). Desde então, os avistamentos têm sido cada vez mais frequentes. As publicações feitas na imprensa escrita (formato digital) durante os meses de janeiro e fevereiro do 2021, por exemplo, fazem um balanço dos avistamentos durante o primeiro ano de pandemia, ao mesmo tempo em que brindam mais detalhes sobre o contexto no qual esses avistamentos estão acontecendo. Isto é particularmente importante porque a informação não se restringe a informar sobre o avistamento como fato isolado. Em vez disso, oferecem-se detalhes sobre as práticas e comportamentos destes animais (PORTAL AMBIENTAL, 2021), e inclusive se chama à população a não ter medo e se estimula a desenvolver estratégias para “naturalizar” os encontros com os animais (PIZARRO, 2021).

A presença de coiotes em bairros residenciais de Vázquez de Coronado, um cantão de San José, a capital da Costa Rica, e em outros sítios da província de Cartago, próximos ao

Parque Nacional Vulcão Irazú (um dos habitats principais da espécie), foi confirmada através de gravações feitas pelos equipamentos de segurança domésticos e de câmeras instaladas nos prédios de algumas instituições públicas (Figura 2), principalmente durante a noite e as primeiras horas do dia (VARGAS, 2020). Esses avistamentos são interessantes por vários motivos.

Figura 2. Avistamento de um exemplar de Coiote no Instituto Tecnológico da Costa Rica, uma das principais universidades do país. Primeiros meses de 2020.



Um coiote caminha em frente ao prédio universitário, no Instituto Tecnológico da Costa Rica. O animal, em companhia de sua matilha, foi capturado pelos equipamentos de segurança da instituição quando procurava alimento nas lixeiras colocadas nas proximidades da rua. Os animais provêm do Parque Nacional Vulcão Irazú, seu habitat natural. Fonte: Instituto Tecnológico da Costa Rica, 2020.

O ressurgimento da vida selvagem nas cidades, durante os primeiros meses do confinamento social, é indicativo de que a pandemia da Covid-19 contribuiu para configurar de maneira significativa as ecologias que vêm emergindo no Antropoceno (KIRKSEY, 2015). Essas experiências não podem ser compreendidas de modo adequado se continuarmos usando fórmulas simples de racionamento, do tipo: “na ausência dos seres humanos...” (narrativa presente em publicações da imprensa, como em SOTO, 2020), para qualificar as circunstâncias ontopolíticas que fazem parte dos eventos. Embora seja verdade que o maior número de

avistamentos ocorreu nos primeiros três meses do ano de 2020, de forma coincidente com o ponto alto do confinamento social, e os encontros tenham sido intermediados pela tecnologia quando as pessoas ficavam dentro de suas casas, a persistência dos avistamentos nos meses seguintes sugere outros tipos de interação simbólica e coexistência que merecem ser problematizados com mais atenção.

A compreensão das reações provocadas pelos avistamentos de animais silvestres, como os coiotes, requer abordagens pós-humanistas nas quais as concepções sobre subjetividade política e agência são elaboradas de forma constante para respeitar as diferentes formas de cognição e a fenomenologia dos animais não humanos (LORIMER et al., 2019).

Os informantes consultados consideram que a difusão midiática de reportagens sobre avistamentos é principalmente um fenômeno urbano. Nas comunidades rurais da Costa Rica, os encontros com animais silvestres são frequentes e vistos com normalidade. Inclusive, muitas das espécies silvestres avistadas pelo PRONAMEC podem ser observadas quando se deslocam entre remanescentes das florestas próximas aos assentamentos humanos ou simplesmente quando descansam nos jardins das casas. Apesar disso, os avistamentos de coiotes nas zonas urbano-residenciais provocaram, no primeiro momento, um sentido de alerta entre os moradores dos condomínios.

Os primeiros relatos recuperados pelos meios de comunicação indicam que as pessoas não deixavam de se perguntar em que condições esses animais seriam capazes de atacar, inclusive morder (como foi registrado por CERDAS, 2020). Outras pessoas estavam mais interessadas em saber se os coiotes podem transmitir doenças como a sarna e a raiva ou, mesmo, a Covid-19. Só depois, o sentido de alerta tornou-se curiosidade, até representar um interesse genuíno em se informar melhor sobre a vida e os comportamentos desses animais.

Até esse momento, os únicos contatos da população urbana com a espécie tinham acontecido em condições de cativeiro. Por conseguinte, o encontro direto só tinha sido efetuado seguindo certas medidas de segurança. Os coiotes só eram uma outra espécie de cães para muitas das pessoas envolvidas nos avistamentos. Para outras, inclusive, os avistamentos estavam associados a ideias sobre uma possível “invasão” da espécie, o que resulta muito sugestivo se levarmos em consideração o significado dado pela biologia ao termo de espécies invasoras⁸. Ao mesmo tempo, é indicativo das crenças erradas que se encontram generalizadas entre as populações urbanas, em relação aos animais silvestres que moram nas proximidades de seus lares. No caso de Vazquez de Coronado, o cantão tem experimentado uma das maiores expansões da fronteira agrícola nas últimas décadas, com o propósito de disponibilizar território para a criação de gado e a produção de algumas hortaliças. Na época anterior à expansão pecuária e urbanística, esse território fazia parte do habitat natural dos coiotes, os quais procuraram refúgio nas poucas florestas ainda disponíveis nos arredores.

O que essas experiências permitem constatar é uma ruptura das categorias dicotômicas a partir das quais construímos conceitos como desenvolvimento, cultura, sustentabilidade e natureza. As primeiras reações dos moradores de Vazquez de Coronado e dos bairros residenciais próximos ao Parque Nacional Vulcão Irazú dão conta da forma com que essas noções começam a se desconstruir diante de circunstâncias contingentes. Assim, para muitas das pessoas envolvidas nos avistamentos, os centros urbanos representavam esquemas de urbanização conformados exclusivamente por seres humanos e por espécies não humanas domesticadas. A irrupção do selvagem provocou alerta porque implicava a necessidade de reordenar categorias como rural/urbano e selvagem/civilizado num contexto que alterava a percepção do cotidiano e do “familiarmente conhecido” quase por completo. São as implicações ético-políticas e pedagógicas

⁸. O termo “espécie invasora” é utilizado para identificar plantas e animais que provocam o deslocamento de espécies nativas e atacam os cultivos e a vegetação autóctone, assim como os micróbios que causam doenças nos humanos e em outras espécies (WILSON, 2017).

deste “familiarmente conhecido” que precisam ser refletidas com maior urgência.

De forma contrária, a revisão documental da imprensa escrita (formato digital), permite constatar que os avistamentos da fauna silvestre nas áreas silvestres protegidas foram celebrados de forma positiva desde o início porque eles remetem a sentimentos de nostalgia que emergem quando se evoca um espaço do qual se tem saído irremediavelmente, um passado sem retorno. Desse modo, as imagens dos avistamentos de coiotes se apropriando dos centros urbanos são, pelo menos, estéticas incongruentes da aparente separação humano/animal.

Outros dos aspectos que maior assombro provocou nos informantes consultados foi a rapidez com que animais “confinados” às áreas silvestres protegidas se deslocaram para as cidades. Ao contrário do informado pelos meios de comunicação, os animais estavam em bom estado de saúde e não se encontravam com fome no momento dos avistamentos. A saída do habitat não responde exclusivamente à busca de alimento. Esses animais não estavam cedendo simplesmente a um instinto biológico, em vez disso, faziam uso pleno de seus agenciamentos, queriam explorar ou distrair-se com um passeio noturno.

Compreender isto é central para a reflexão sobre ontopolíticas de co-habitabilidade e (co)existência espaço-temporal com outras espécies. Pensar a proteção da biodiversidade para além da concepção moderna sobre a natureza implica aprender a reconhecer as diferenças entre os estatutos ontológicos das espécies e respeitá-los.

Se quisermos aprender com o que aconteceu durante o confinamento social provocado pela pandemia da Covid-19, uma das lições mais instrutivas é justamente a importância de mobilizar os recursos afetivos e emocionais necessários para garantir novos arranjos multiespécies que resultem vantajosos para a totalidade dos envolvidos (HARAWAY, 2018). Ainda assim, gostaríamos de tensionar alguns dos argumentos expostos por Haraway (2020) em relação à

criação de parentesco. Em nosso entender, o fato de que esta autora considere o ressarcimento de uma determinada ecojustiça como uma condição necessária para a reconstituição de refúgios de vida e a construção de ambientes seguros está relacionado principalmente com políticas de representação do Antropoceno, que resolvem o problema da depredação ecológica só de forma parcial.

Embora os danos provocados ao corpo vivo da terra ganham visibilidade e são contestados através de manifestações humanas de cuidado e de preocupação genuína com outras espécies atingidas pela degradação socioambiental, o problema não acaba com a preocupação intelectual virando uma expressão sensorial tangível. Entendido desse modo, a criação de parentesco é uma mudança de ordem subjetiva e ética em nosso modo de relacionamento com outras espécies que pode ter efeitos igualmente adversos e patologizantes para múltiplas espécies —e aqui também poderíamos falar de entidades— com as quais não é possível estabelecer políticas de proximidade ou formas de convivência íntima sem fazer alteração de seus ecossistemas. Aqui, o conceito de espécies companheiras perde potência para descrever tipos de reparação ecológica que precisam ser feitos “em ausência dos seres humanos”.

Até que ponto a desobediência daqueles animais silvestres que protagonizaram os avistamentos em espaços não dispostos para eles (segundo o critério dos guarda-parques e do pessoal técnico da SINAC), sugere os limites das tecnologias de conservação e sua capacidade relativa para dar conta das vidas íntimas de espécies não humanas em circunstâncias contingentes? Será que a “conservação através de algoritmos” está contribuindo para a artificialização dos ecossistemas nas áreas silvestres protegidas e gerando um falso conhecimento sobre os agenciamentos dos animais não humanos e sua intuição para adaptar-se aos contornos da crescente crise ecológica? Pode isso provocar a emergência de novas camadas de vulnerabilidade e risco ambiental? Com certeza, o foco destas questões é controvertido e está sujeito a debate.

Bekoff (2015) também desenvolve uma perspectiva útil para continuar problematizando os diferentes significados do “familiarmente conhecido”, que não é excludente da apresentada por Donna Haraway. O autor faz referência a um processo de transformação pessoal, o qual consiste em “*rewilding*” os corações. O termo é de difícil tradução para a língua portuguesa. Porém, quer indicar um tipo renovado de engajamento individual, através do qual é possível mudar a forma antropocêntrica e utilitária na que interagimos com outras espécies e seus ecossistemas. Se aplicarmos o pensamento de Bekoff às ontopolíticas do cuidado em ecologias urbanas emergentes, deveríamos nos perguntar o que podemos fazer para criar e amadurecer emoções positivas, como a empatia e a compaixão, a partir de práticas de convivência com animais com os quais não reconhecemos nenhum tipo de carisma (LORIMER, 2007). Não se trata de domesticar o feral, mas sim de continuar desconstruindo as narrativas antropocêntricas que concebem as cidades como ecossistemas criados por e para seres humanos, em que os animais aparecem como simples suplementos decorativos, parasitos molestos, pragas indesejáveis ou depredadores perigosos (MUBI BRIGHENTI e PAVONI, 2021).

Isto também não significa cair na armadilha da psicologização das relações interespécies. Ao contrário, se trata de colocar a discussão em termos da biopolítica e reconhecer que a mobilização das emoções e os afetos também é um recurso necessário para levantar questionamentos que permitam uma melhor compreensão da complexa infraestrutura simbólica e material que prolonga as disputas e controvérsias em torno das relações desiguais de poder no Antropoceno.

Essa questão também é relevante para os programas públicos de proteção da biodiversidade. Se pensarmos, por exemplo, que o estudo feito pelo PRONAMEC está focado principalmente nas mudanças de comportamento de mamíferos e outras espécies de tamanho relativamente grande, os quais são considerados atrativos turísticos nas ASP e sofrem do assédio constante dos visitantes, então esta

reflexão adquire uma dimensão ético-política de primeira ordem. O que podemos dizer sobre o futuro e a vida no planeta de outras espécies que geram registros menores de sensibilidade humana, como insetos, aracnídeos ou outros organismos de tamanho microscópico? Talvez disso se trata o sentido real da justiça multiespécies. Como já argumentado por Fernando (2020), se a pandemia da Covid-19 nos fez ingressar na época do Víroceno, corresponde-nos avançar para uma outra época: o Amorceno, cujos ideais de justiça, plenitude e bem-estar não estejam controlados pelos valores da economia de mercado e seus mecanismos de governança e reprodução sociomaterial.

Considerações finais

Longe de dar respostas concisas às perguntas deste ensaio, as questões mobilizadas pretendem gerar uma maior reflexão sobre a forma com que a pandemia da Covid-19 tem afetado as visões e programas públicos para a proteção da vida silvestre na Costa Rica durante a pandemia. Os avistamentos de fauna silvestre, acontecidos durante os primeiros meses do confinamento social, converteram-se num evento significativo para pensar a (co)existência multiespécies, tanto nas áreas silvestres protegidas quanto em cidades e bairros urbanos.

As experiências relatadas nas seções três e quatro pretendem encorajar, inspirar, incomodar e suscitar o interesse de pesquisadores acadêmicos e da sociedade como um todo. Através da apresentação do caso costa-riquenho, chamamos a atenção para a necessidade de superar visões instrumentais da categoria "natureza", e defendemos a incorporação de ontopolíticas do cuidado em atividades de conservação da biodiversidade que explorem e articulem as dimensões emocionais, afetivas, sensoriais e simbólico-espirituais na luta contra as mudanças climáticas antropogênicas e a degradação ambiental. A mobilização de recursos interpretativos e analíticos da chamada virada ontológica nas ciências sociais permitiu realizar uma leitura mais detalhada das circunstâncias contingentes que influíram

nas experiências de avistamentos de animais silvestre durante os meses do confinamento social provocado pela pandemia. Consideramos que tais experiências estão associadas com processos de reconfiguração das ecologias emergentes no Antropoceno.

A produção de conhecimento situado sobre as complexas e múltiplas interligações que se estabelecem entre os seres humanos, os animais, as tecnologias e outras entidades nos ajudaram a problematizar diferentes aspectos das geografias mais que humanas que estão presentes nos relatos sobre avistamentos. Assim, a presença de coiotes nas zonas urbanas lembrou à população que as áreas silvestres protegidas não devem ser consideradas como simples reservatórios de vida não humana, nos quais se podem conservar animais e outros organismos vivos dentro de fronteiras fixas e fechadas. Tampouco é possível pensar as áreas silvestres protegidas como excedentes de uma ruralidade isolada, na qual uma suposta natureza selvagem permanece inexpugnável e misteriosa. Não existe um continuum entre o rural e o urbano, do qual se possa deduzir uma linearidade socioespacial e temporal estável e mecânica. Em vez disso, a passagem dos animais que moram nesses territórios para as cidades evidencia a existência de habitats em disputa e em constante configuração, sendo também a manifestação de uma resistência feral que se recusa a ser deslocada para as margens de processos civilizatórios antropocêntricos. A forma como as espécies não humanas mencionadas neste ensaio acionam seus diferentes agenciamentos diante das condições impostas pelo confinamento social sugere outros modos possíveis em que as ensamblagens sociomateriais ressignificam o espaço geográfico e as paisagens permanentemente.

A ubiquidade dos emaranhados de vida torna inviável a adoção de narrativas de planejamento linear, baseadas em perspectivas de controle e previsibilidade. Assim, o reconhecimento explícito dos agenciamentos para além-do-humano questiona a efetividade das interfaces tecnológicas para prover de conhecimento aprofundado sobre o estatuto ontológico das espécies e sua influência na conformação

das redes nas quais participam. Recursos analíticos como as atmosferas animais (LORIMER et al., 2019) e as ecologias políticas afetivas (SINGH, 2018) relativizam a eficiência real da “conservação através de algoritmos” (Adams, 2019), ao tempo que criam espaços para ensaiar outro tipo de interpretações e respostas que contribuem para a proteção abrangente da biodiversidade.

Referências

- ADAMS, William M. Geographies of conservation II: Technology, surveillance and conservation by algorithm. **Progress in Human Geography**, 2019, vol. 43, no 2, p. 337-350.
- ARONSSON, Anne, and Fynn HOLM. “Multispecies Entanglements in the Viroisphere: Rethinking the Anthropocene in Light of the 2019 Coronavirus Outbreak.” **The Anthropocene Review**, Dec. 2020, doi:10.1177/2053019620979326.
- AUGUST, Tom, et al. Emerging technologies for biological recording. **Biological Journal of the Linnean Society**, 2015, vol. 115, no 3, p. 731-749.
- BARUA, Maan; SINHA, Anindya. Animating the urban: An ethological and geographical conversation. **Social & Cultural Geography**, 2019, vol. 20, no 8, p. 1160-1180.
- BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BEKOFF, Marc. Rewilding our hearts: making a personal commitment to animals and their homes. In *Protecting the Wild*. Island Press, Washington, DC, 2015. p. 144-153.
- BLOK, Anders. Scoping endangered futures: rethinking the political aesthetics of climate change in world risk society. **STS Encounters**, 2017, vol. 9, no 1, p. 1-34.
- BRAUN, Bruce. Environmental issues: writing a more-than-human urban geography. **Progress in human geography**, 2005, vol. 29, no 5, p. 635-650.
- BRIGHENTI, Andrea Mubi; PAVONI, Andrea. Situating urban animals—a theoretical framework. **Contemporary Social Science**, 2021, vol. 16, no 1, p. 1-13.
- CERDAS, Daniela. Manada de coyotes paseó por Coronado en busca de comida. La Nación. Disponível em: <https://www.nacion.com/el-pais/servicios/video-manada-de-coyotes-paseo-por-coronado-en/EA5TXREA25GM5B562X4P6XJZMA/story/> Acesso em: 19/09/2021.
- CHAKRABORTY, Chinmay, et al. **The impact of the COVID-19 pandemic on green societies**. Springer, Cham, 2020.
- CLEMENT, Sarah; STANDISH, Rachel J. Novel ecosystems: Governance and conservation in the age of the Anthropocene. **Journal of environmental management**, 2018, vol. 208, p. 36-45.

A ontopolítica do cuidado multiespécies

CR.COM. Ante ausencia de carros, divisan coyote en transitada

Carretera. **CR.COM**. Disponível em:

<https://www.crhoy.com/ambiente/ante-ausencia-de-carros-divisan-coyote-en-transitada-carretera/> Acesso em: 05/09/2021.

CRUTZEN, Paul J. The “anthropocene”. In **Earth system science in the anthropocene**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2006. p. 13–18.

CRUTZEN, P. J. and STOERMER, E. F. (2000). The Anthropocene. **Global Change Newsletter**, 41, pp. 17–18.

DONALDSON, Sue; KYMLICKA, Will. **Zoopolis: A political theory of animal rights**. Oxford University Press, 2011.

FERNANDO, Jude L. From the Virocene to the Lovecene epoch: multispecies justice as critical praxis for Virocene disruptions and vulnerabilities. **Journal of Political Ecology**, 2020, vol. 27, no 1, p. 685–731.

HARAWAY, Donna. Staying with the trouble for multispecies environmental justice. **Dialogues in Human Geography**, 2018, vol. 8, no 1, p. 102–105.

HARAWAY, Donna J. Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno. **Consonni**, 2020.

IGOE, Jim; NEVES, Katja; BROCKINGTON, Dan. A spectacular eco-tour around the historic bloc: Theorising the convergence of biodiversity conservation and capitalist expansion. **Antipode**, 2010, vol. 42, no 3, p. 486–512.

INGRAM, Merrill; INGRAM, Helen; LEJANO, Raul. Environmental action in the Anthropocene: The power of narrative-networks. **Journal of Environmental Policy & Planning**, 2019, vol. 21, no 5, p. 492–503.

KIRKSEY, Eben. **Emergent ecologies**. Duke University Press, 2015.

LAMBIN, Eric. **An ecology of happiness**. University of Chicago Press, 2012.

LARA, Juan Fernando. Calma, cuidar mascotas y manejo de basura son clave ante presencia de coyotes. **La Nación**. Disponível em:

<https://www.nacion.com/el-pais/servicios/calma-cuido-de-mascotas-y-manejo-de-basura/MIGI6U5JUVA45LWCQBQWZIEO6Y/story/> Acesso em: 15/09/2021.

LATOUR, Bruno, et al. **Pandora’s hope: essays on the reality of science studies**. Harvard university press, 1999.

LATOUR, Bruno. Esperando a Gaia. Componer el mundo común mediante las artes y la política. Cuadernos de Otra parte. **Revista de letras y artes**, 2012, vol. 26, p. 67–76.

LATOUR, Bruno; LECLERCQ, C. Sharing responsibility: Farewell to the sublime. **Reset modernity**, 2016, p. 161–71.

LEACH, Melissa, et al. Equity and sustainability in the Anthropocene: A social-ecological systems perspective on their intertwined futures. **Global Sustainability**, 2018, vol. 1.

A ontopolítica do cuidado multiespécies

LORIMER, Jamie. Nonhuman charisma. **Environment and Planning D: Society and Space**, 2007, vol. 25, no 5, p. 911–932.

LORIMER, Jamie; HODGETTS, Timothy; BARUA, Maan. Animals' atmospheres. **Progress in Human Geography**, 2019, vol. 43, no 1, p. 26–45.

LÖVBRAND, Eva, et al. Who speaks for the future of Earth? How critical social science can extend the conversation on the Anthropocene. **Global Environmental Change**, 2015, vol. 32, p. 211–218.

MBEMBE, Achille. **Crítica de la razón negra**: ensayo sobre el racismo contemporáneo. Ned ediciones, 2016.

MESA NACIONAL INDÍGENA. **Resumen de los aportes indígenas a la Política y Estrategia Nacional de Biodiversidad**. San José: MINAE, 2017.

MINISTERIO DE COMUNICACIÓN. **Costa Rica registra más de 4 mil avistamientos de aves y mamíferos en medio de la pandemia**. Disponível em: <https://www.presidencia.go.cr/comunicados/2020/07/costa-rica-registra-mas-de-4-mil-avistamientos-de-aves-y-mamiferos-en-medio-de-la-pandemia/> Acesso em: 17/09/2021.

PIZARRO, Amairaní. Primero fue el TEC, ahora Cartago centro: otro coyote se dejó ver en la ciudad. Amprensa.com. Disponível em: <https://amprensa.com/2021/01/video-primero-fue-el-tec-ahora-cartago-centro-otro-coyote-se-dejo-ver-en-la-ciudad/> Acesso em: 22/09/2021.

PORTAL AMBIENTAL. Expansión urbana reduce los espacios de vida del coyote en Costa Rica. Portalambiental.com. Disponível em: <https://www.portalambiental.com.mx/biodiversidad/20210123/expansion-urbana-reduce-los-espacios-de-vida-del-coyote-en-costarica> Acesso em: 18/09/2021

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227–278.

SINGH, Neera M. Introduction: Affective ecologies and conservation. **Conservation and Society**, 2018, vol. 16, no 1, p. 1–7.

SOTO, Michelle. Los animales salen mientras las personas se quedan en casa durante pandemia de COVID-19. Semanario Universidad. Disponível em: <https://semanariouniversidad.com/pais/los-animales-salen-mientras-las-personas-se-quedan-en-casa-durante-pandemia-de-covid-19/> Acesso em: 17/09/2021.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SULLIVAN, Sian. Banking nature? The spectacular financialisation of environmental conservation. **Antipode**, 2013, vol. 45, no 1, p. 198–217.

SUTHERLAND, William J., et al. The need for evidence-based conservation. **Trends in ecology & evolution**, 2004, vol. 19, no 6, p. 305–308.

A ontopolítica do cuidado multiespécies

THOREAU, Henry David. **Cartas a un buscador de sí mismo**. Madrid: Errata Naturae, 2012.

Tsing, A. L. (2015). **The mushroom at the end of the world**. Princeton: Princeton University Press.

TSING, Anna. O Antropoceno mais que humano. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, 2020, v. 23, n. 1, p. 176-191.

UMAÑA, Johan. Autoridades recomiendan precaución por coyotes en el Campus. **Hoy en el TEC**. Disponível em: <https://www.tec.ac.cr/hoyeneltec/2021/01/20/autoridades-recomiendan-precaucion-coyotes-campus> Acesso em: 09/09/2021.

VAN EEDEN, Lily M., et al. Social identity shapes support for management of wildlife and pests. **Biological conservation**, 2019, vol. 231, p. 167-173.

VARGAS, Juan Manuel. Video: manada de coyotes recorrieron las calles de Coronado. **Teletica.com**. Disponível em: https://www.teletica.com/nacional/video-manada-de-coyotes-recorrieron-las-calles-de-coronado_268349 Acesso em: 12/09/2021.

VERMA, Audrey; VAN DER WAL, René; FISCHER, Anke. Imagining wildlife: New technologies and animal censuses, maps and museums. **Geoforum**, 2016, vol. 75, p. 75-86.

WILSON, EDWARD O. **Medio planeta**. Barcelona, Debate, 2017.

WYNNE-JONES, Sophie, et al. Feral Political Ecologies? **Conservation & Society**, 2020, vol. 18, no 2, p. 71-76.

YUSOFF, Kathryn. Biopolitical economies and the political aesthetics of climate change. **Theory, Culture & Society**, 2010, vol. 27, no 2-3, p. 73-99.